



Ciúme, Violência Conjugal e Saúde Mental: Prevalência e Fatores Associados

Jealousy, Domestic Violence and Mental Health: Prevalence and Associated Factors

Dayse Chaves Lemos
Universidade Ceuma

Denise Falcke
Eduarda Lima de Oliveira
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo

O ciúme e a violência conjugal são fenômenos complexos que precisam ser melhor compreendidos, especialmente no que se refere às suas repercussões na saúde mental. O presente estudo teve por objetivo mensurar a associação entre ciúme, violência conjugal e saúde mental (ansiedade, depressão e estresse). Participaram 194 pessoas, sendo 151 mulheres e 43 homens, com idade de 19 a 58 anos, casados ou em união estável. Os instrumentos foram: questionário sociodemográfico, *Revised Conflict Tactics Scale*, *Interpersonal Jealousy Scale*, Inventário de Ciúme Romântico e Escala de Ansiedade, Depressão e Estresse. Constatou-se alta prevalência de violência, chegando a índices de 85,4% de homens que admitem cometer agressão psicológica em seu relacionamento. Destaca-se maior prevalência do ciúme, violência conjugal e adoecimento mental em pessoas com menor escolaridade e renda, sem união oficializada e sem filhos. É importante que esses fatores sejam observados como de risco para ocorrência da violência conjugal e suas repercussões.

Palavras-chave: **Ciúme; Violência conjugal; Saúde mental; Casais**

Abstract

Jealousy and intimate partner violence are a phenomenon that need to be better understood, especially regarding repercussions on mental health. The present study aimed to measure the association between jealousy, intimate partner violence and mental health (anxiety, depression, and stress). A total of 194 people participated, 151 women and 43 men, aged 19 to 58 years, married or in a stable relationship. The instruments were: sociodemographic questionnaire, Revised Conflict Tactics Scale, Interpersonal Jealousy Scale, Romantic Jealousy Inventory and Anxiety, Depression and Stress Scale. A high prevalence of violence was found, reaching 85.4% of men who admit to committing psychological aggression in their relationship. There is a higher prevalence of jealousy, marital violence and mental illness in people with lower education and income, without an official union and without children. It is important that these factors are observed as risk factors for the occurrence of conjugal violence and its repercussions.

Keywords: **Jealousy; Intimate partner violence; Mental health; Couples**

INTRODUÇÃO

A violência conjugal é considerada uma violência interpessoal e uma das formas mais comuns de violência, que apresenta alta incidência e pode trazer prejuízos à saúde dos indivíduos envolvidos, causando sofrimento psicológico (Razera e Falcke, 2014). Autores da área destacam as diferentes formas de violência e descrevem como: violência física, agressão psicológica, coerção sexual e lesão corporal, que podem ser subdivididas em menor e grave, considerando a intensidade dos atos (Straus et al., 1996).

Os estudos no contexto da violência, por terem um caráter histórico decorrente de uma cultura patriarcal, baseiam-se na perspectiva de gênero, destacando a assimetria de poder entre homens e mulheres (Brancaaglioni e Fonseca, 2016; Rodrigues et al., 2016). Outra perspectiva considerada é a sistêmica, que compreende que os parceiros podem exercer múltiplos papéis na conjugalidade e que cada casal apresenta uma dinâmica própria na qual a violência pode se expressar de forma uni ou bidirecional (Falcke et al., 2009; Razera et al., 2021), dependendo de diferentes marcadores de poder na relação como gênero, raça, escolaridade, status econômico, entre outros. Destaca-se que, neste trabalho, será adotada a perspectiva sistêmica para a compreensão do fenômeno.

Alguns estudos citam características sociodemográficas que podem se relacionar com a violência (Colossi, Marasca et al., 2015; Colossi, Razera et al., 2015; Holanda et al., 2017). No estudo de Eliane Holanda et al. (2017), que teve por objetivo investigar os fatores associados à violência contra as mulheres na atenção primária à saúde em um município da zona da mata Pernambucana, foram analisadas 512 fichas de atendimentos a mulheres em situação de violência. Os resultados evidenciaram que houve a predominância da violência física (65%) praticada por companheiro conjugal em mulheres jovens, com baixa escolaridade, em união estável e com condições econômicas precárias. O consumo de álcool pelo agressor apareceu como principal comportamento de risco neste estudo. No mesmo sentido, o estudo de Patrícia Manozzo Colossi, Razera et al (2015), realizado com 186 casais residentes na região metropolitana de Porto Alegre, que se encontravam casados ou em união estável, mostrou que a prevalência da violência nesse público se apresentou em casais com idade mais jovem, com baixa escolaridade e renda, vivendo em união estável e com níveis menores de religiosidade.

Além das características sociodemográficas que se relacionam com a violência conjugal, é importante compreender os fatores que ser precipitadores da violência conjugal. O ciúme neste cenário aparece como um dos principais fatores desencadeantes da violência nos relacionamentos íntimos (Costa et al., 2016; Deeke et al., 2009; Gomes et al., 2011; Lacerda e Costa, 2013; Marques e Cole-

ta, 2010; Paixão et al., 2014; Swan et al., 2012). Ao destacar o ciúme como um dos principais fatores que pode influenciar na ocorrência da violência conjugal é importante que se entenda que o ciúme pode ter diferentes manifestações (Almeida et al., 2008). Dentre essas formas em que se apresenta, pode ser caracterizado como manifestação de amor e ao mesmo tempo como um sentimento patológico, que produz angústia e tentativa de controlar o parceiro (Almeida et al., 2008). O ciúme não se apresenta de forma isolada no relacionamento e por isso pode gerar respostas emocionais e comportamentais (Baroncelli, 2011), tanto na pessoa que o vivencia como no/a parceiro/a e na própria relação, podendo estar vinculado ao sentimento de ameaça, que alimenta a insegurança afetiva e a percepção de pertencimento/posse ao outro (Almeida et al., 2008).

Uma Pesquisa qualitativa, realizada com casais de Uganda e Rwanda, descreveu os desafios ao relacionamento que ocorrem em função do ciúme, como quebra de confiança, conflitos e comportamentos controladores, que podem culminar em violência psicológica e física. O ciúme, neste estudo, foi compreendido como operando diferentes caminhos de gênero, uma vez que as mulheres referiram questionar seus parceiros sobre o paradeiro e as intenções deles por causa do ciúme e da suspeita de infidelidade, enquanto os homens mostravam-se como ciumentos ou desconfiados das parceiras em situações de socialização, por atraírem atenção de outros homens, e usavam a violência como resposta (Kye-gombe et al., 2022).

Uma revisão sistemática da literatura foi conduzida por Marjorie Pichon e colaboradoras (2020), para avaliar evidências do ciúme e infidelidade como impulsionadores de violência nos relacionamentos íntimos, considerando que esses fenômenos permanecem subteorizados e subutilizados na pesquisa e prevenção de violência conjugal. Os dados de 51 artigos de 28 países foram analisados e as evidências mostraram associação consistente entre ciúme romântico, infidelidade real ou suspeita e violência conjugal. São sugeridos novos estudos considerando os possíveis impactos no adoecimento psíquico dos membros do casal.

A associação entre o ciúme e a violência conjugal pode causar danos à saúde mental de indivíduos que os vivenciam (Sequeira et al., 2014). Em estudos realizados com mulheres vítimas de violência por parceiros íntimos, os resultados indicam correlação entre a violência sofrida e os sintomas de adoecimento psíquico (Adeodato et al., 2005; Hatzenberger et al., 2010). Outras pesquisas também descrevem possíveis vinculações entre a violência sofrida e o desenvolvimento de transtornos depressivos, estresse pós-traumático e ansiedade (Adeodato et al., 2005; Gomes et al., 2012; Hatzenberger et al., 2010).

Ainda que já existam evidências de associações entre ciúme e violência e entre violência e adoecimento psíquico, não foram localizadas pesquisas em nosso contexto que articulem essas três variáveis. Frente ao exposto sobre os danos causados pelo ciúme e pela violência e sua repercussão na saúde mental dos indivíduos expostos a ela (Holanda et al., 2017), o presente estudo possui como objetivo mensurar os níveis de ciúme, violência conjugal e de saúde mental (ansiedade, depressão e estresse), verificando associação entre essas variáveis, e analisar possíveis correlações com variáveis sociodemográficas, em homens e mulheres.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de caráter quantitativo, transversal, comparativo e correlacional (Sampieri et al., 2013).

Amostra

A amostra foi composta por 194 participantes de diferentes estados brasileiros (Alagoas, Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins). Desses, 151 eram mulheres e 43 homens, com idade variando de 19 a 58 anos, que estiveram em um relacionamento conjugal heterossexual, casados ou em coabitação. Foi um critério de inclusão o relacionamento ter duração de pelo menos um ano, que é o tempo indicado pela literatura como etapa inicial para construção de uma conjugalidade (Tissot e Falcke, 2017). A Tabela 1 descreve as características sociodemográficas dos participantes.

Características		N	%
Sexo	Feminino	151	77,8
	Masculino	43	22,2
Situação Conjugal	Casado	141	73,4
	Morando Junto	51	26,6
	1 a 5 anos	70	36,5
	6 a 10 anos	54	28,1
	11 a 20 anos	50	26,0
Tempo com atual companheiro	21 a 25 anos	7	3,6
	25 a 30 anos	7	3,6
	Mais de 30 anos	4	2,1
Casamento anterior	Sim	34	17,5
	Não	160	82,5
Filhos	Sim	109	56,2
	Não	85	43,8

Características	N	%	
Quantos filhos	1 filho	48	44,0
	2 filhos	43	39,4
	3 filhos	11	10,1
	4 filhos ou mais	7	6,4
Idade dos filhos	1 a 5 anos	48	44,9
	6 a 10 anos	23	21,5
	11 a 15 anos	14	13,1
	16 a 20 anos	7	6,5
Escolaridade	Mais de 20 anos	15	14,0
	Ensino médio	32	16,5
	Ensino superior	71	36,6
Exerce atividade remunerada	Pós-graduação	91	46,9
	Sim	155	80,3
Situação de trabalho	Não	38	19,7
	Autônomo	30	15,7
	Empregado	123	64,4
	Desempregado	12	6,3
	Estudante	18	9,4
	Aposentado/pensionista	2	1,0
	Não exerce atividade de trabalho fora do lar	6	3,1
Renda pessoal	1 salário mínimo	30	17,3
	2 a 3 salários mínimos	58	33,5
	3 a 5 salários mínimos	39	22,5
	5 a 10 salários mínimos	29	16,8
	Mais de 10 salários mínimos	17	9,8
Religião	Católico	64	34,4
	Evangélico	73	39,2
	Espírita	14	7,5
	Ateu/agnóstico/sem religião	19	10,2
	Outros	16	8,6
Quanto é praticante de religião	Nada	10	5,2
	Pouco	47	24,4
	Médio	77	39,9
	Muito	59	30,6

Tabela 1. Frequências e percentuais das características sociodemográficas da amostra (n=194)

Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos: criado pelas autoras com o objetivo de descrever as características dos participantes deste estudo. Elaborado com

questões como: cidade em que residem, situação amorosa, tempo de relacionamento, filhos, escolaridade e renda, entre outras.

Revised Conflict Tactics Scale - CTS 2 (Straus et al., 1996 adaptado por Moraes et al., 2002): a escala é composta por 78 itens em cinco subescalas que representam as dimensões violência física, agressão psicológica, coerção sexual, lesão corporal e negociação. A pontuação na subescala de negociação não foi utilizada neste estudo por não se referir à expressão de violência. As dimensões da escala são divididas entre menor e grave, sendo estas classificações do instrumento que consideram a intensidade dos atos violentos. As perguntas estão em forma de checklist para que os participantes assinalem as respostas de caráter relacional que descrevam ações do respondente e reciprocamente de seu companheiro de acordo com as situações apresentadas. Os itens são respondidos em escala Likert de oito pontos, variando de nunca aconteceu a aconteceu mais de 20 vezes no último ano. No estudo de Kelly Paim et al. (2012), o coeficiente alpha de Cronbach para a CTS2 foi de 0,88, revelando boa consistência interna. Neste estudo, o alpha obtido foi de 0,83.

Interpersonal Jealousy Scale - IJC (Mathes e Severa, 1981): Trata-se de um questionário de crenças relacionados ao ciúme, que tem por objetivo medir fatores preditores do ciúme, tais como a intensidade e as crenças relacionadas ao ciúme, à insegurança, à autoestima e ao amor romântico. O instrumento é composto por 28 questões, cujas respostas variam em uma escala *likert* de nove pontos. Para a pesquisa foi utilizada a versão traduzida e adaptada por Andrea Costa et al. (2013), que apresentou coeficiente alpha de Cronbach de 0,97. No presente estudo, o alpha foi 0,90.

Inventário de Ciúme Romântico - ICR (Bueno et al., 2012): trata-se de um questionário de comportamentos relacionados ao ciúme que tem por objetivo verificar e descrever a ocorrência de reações de ciúmes. O instrumento é composto por 41 itens, respondidos em uma escala do tipo *likert* de cinco pontos e se apresenta composto por seis fatores: fator 1 - não contato com o parceiro; fator 2 - contato parceiro-rival; fator 3 - agressão ao parceiro; fator 4 - agressão ao rival; fator 5 - autoestima, e fator 6 - investigação. No estudo de Karla Rafaela Haack e Denise Falcke (2020), os coeficientes alpha de Cronbach variaram de 0,65 a 0,92, sendo superior a 0,8 nos três primeiros fatores (0,92 F1, 0,87 F2, 0,87 F3), próximo a esse valor nos fatores 4, 5 e 6 (0,70 F4, 0,66 F5, 0,65 F6) e 0,92 na escala total. Neste estudo, o alpha foi de 0,94 para a escala total e variou entre 0,69 e 0,95 considerando os fatores.

Escalas de Ansiedade, Depressão e Estresse (EADS 21) (Lovibond e Lovibond, 1995 adaptada para o português por Vignola e Tucci, 2014): propõe-se a avaliar empiricamente a ansiedade, a depressão e o estresse, segundo o modelo tripar-

tido. É composta por 21 itens, e organizada em três subescalas: depressão, ansiedade e estresse, cada uma com sete itens. Os resultados de cada escala são determinados pela soma dos resultados dos sete itens. Sua consistência interna foi de 0,96 no estudo de validação da versão brasileira (Vignola e Tucci, 2014), assim como o alpha obtido neste estudo.

Procedimentos éticos e de coleta de dados

Para realização deste estudo o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade e seguiu todas as recomendações éticas e orientações da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (2016). O estudo implicou em riscos mínimos aos participantes e os dados de identificação dos participantes foram mantidos em sigilo. A coleta de dados foi realizada de forma *online* através de um link de pesquisa com o convite, que informava aos usuários os objetivos e procedimentos de pesquisa. Os convites foram enviados por meio de rede sociais e a participação na pesquisa foi voluntária, assim os usuários que quiseram participar da pesquisa deram o aceite no link da pesquisa, concordando com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Procedimentos de Análise dos Dados

Os dados foram analisados através do programa SPSS 22.0 (Statistical Package for Social Science). Foram realizadas análises descritivas (frequência, porcentagem, médias e desvios-padrão) para avaliar o comportamento das variáveis e testada a normalidade dos dados, assim como análises não paramétricas, considerando que os dados não obedeceram à normalidade. Para comparação entre os grupos, foram utilizados os testes de Mann Whitney e Kruskal Wallis, enquanto a correlação entre as variáveis foi mensurada por meio do teste de Spearman. Em todas as análises, foi considerado o nível de significância de 5% ($p \leq 0,05$).

RESULTADOS

Análises descritivas e de comparação entre homens e mulheres

Os índices de prevalência dos diferentes tipos de violência identificados no estudo podem ser observados na figura 1. É possível observar que os índices de violência cometidos pelos sujeitos variaram de 1,4% na coerção sexual grave cometida pelas mulheres a 85,4% referente à agressão psicológica menor cometida pelos homens. A violência psicológica foi o tipo de violência mais cometida, como representado na figura 1.

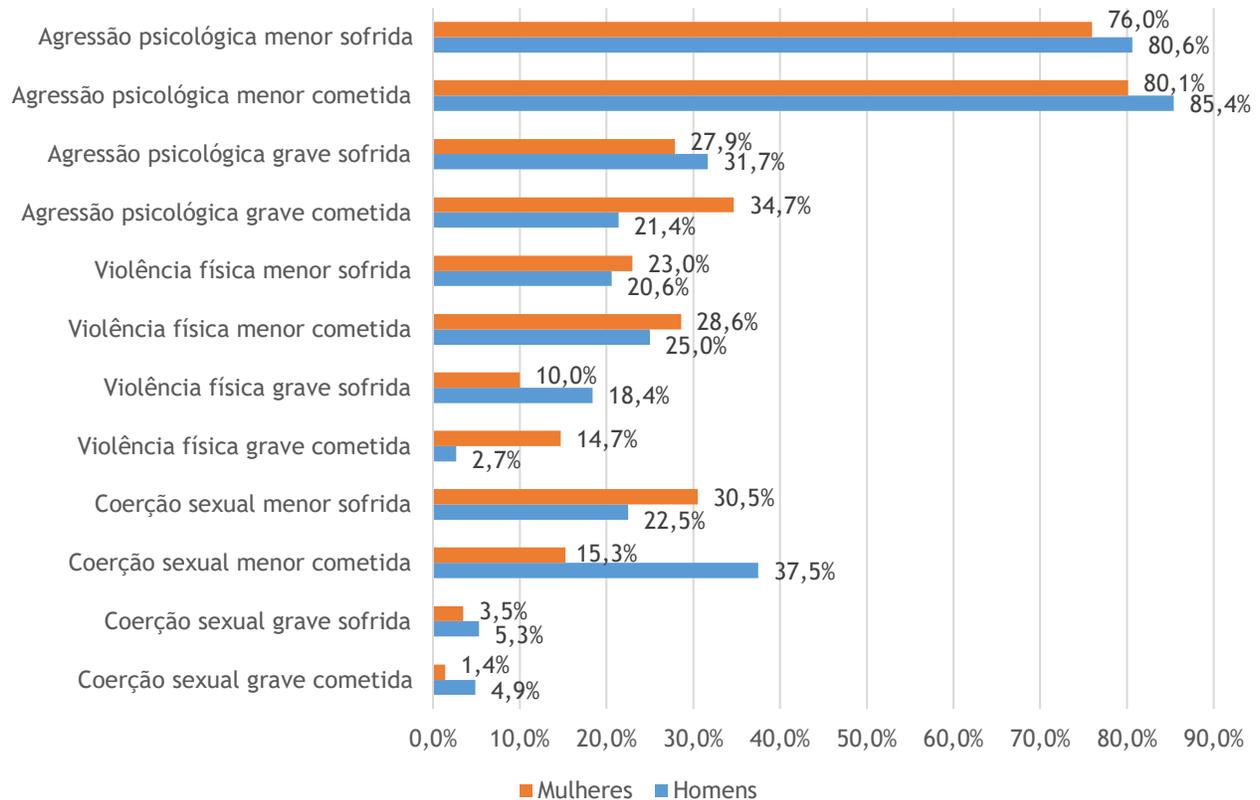


Figura 1. Frequência de violência cometida e sofrida por homens e mulheres

Os resultados evidenciaram que houve diferença significativa entre os homens e as mulheres na pontuação da dimensão da coerção sexual menor do sujeito ($U=2179,00$; $p=0,01$), sendo que os homens apresentaram médias maiores de coerção sexual ($m=110,03$) em comparação à média feminina ($m=87,63$). Já a violência física grave do sujeito apresentou diferença significativa entre os sexos ($U= 2209,00$; $p=0,045$), evidenciando que as mulheres referem cometer significativamente mais violência física grave ($m=89,26$) do que os homens ($m=78,70$) na amostra avaliada. Em nenhuma outra dimensão da violência conjugal foram encontradas diferenças significativas na comparação entre os sexos.

No que diz respeito à comparação dos fatores que medem o ciúme, foram observadas diferenças significativas ($U= 1920,00$; $p=0,04$) entre os sexos com as mulheres apresentando médias significativamente maiores no IJC total ($m=96,38$) em comparação aos homens ($m=69,23$); assim como nos fatores ICRF2 ($U= 2322,50$; $p=0,470$), indicando que as mulheres pontuaram maior percepção do parceiro estabelecendo um relacionamento com possível rival

(m=97,59) do que os homens (m=78,56); ICRF3 (U=1963,000; p<0,001), revelando que as mulheres pontuaram mais (m=102,24) reações agressivas direcionadas ao parceiro em função de ciúme do que os homens (m= 68,88) e ICRF6 (U= 2143,50; p=0,003), pelo qual as mulheres apresentaram pontuação significativamente maior (m=101,02) no que se refere a comportamentos de investigação relacionadas à fidelidade do parceiro, em comparação aos homens (m=73,28). O único fator de ciúmes em que os homens apresentaram média significativamente maior (U= 2363,500; p=0,032) do que as mulheres foi o ICRF5 (m=110,35), que descreve reações no qual o indivíduo se atribui a culpa pela possibilidade de infidelidade do parceiro, em comparação à média da amostra feminina (m=90,08). Não foram observadas diferenças significativas na comparação de médias entre homens e mulheres no que diz respeito às dimensões de saúde mental (ansiedade, depressão e estresse) (p>0,05).

Correlação das variáveis

Dimensões	Mulheres			Homens		
	Depressão	Ansiedade	Estresse	Depressão	Ansiedade	Estresse
Coerção Sexual Grave Cometida	,199*	,159	,199*	-,066	,030	,025
Coerção Sexual Grave Sofrida	,262**	,247**	,213*	,081	,212	,245
Coerção Sexual Menor Cometida	,179*	,193*	,176*	,216	,241	,192
Coerção Sexual Menor Sofrida	,222**	,188*	,205*	-,058	,053	,005
Violência Física Grave Cometida	,267**	,321**	,304**	-,056	,166	-,170
Violência Física Grave Sofrida	,268**	,216*	,200*	,176	,350*	,312
Violência Física Menor Cometida	,244**	,289**	,275**	,253	,181	,158
Violência Física Menor Sofrida	,278**	,252**	,226**	,087	,176	,377*
Agressão Psicológica Grave Cometida	,218**	,188*	,254**	,032	,123	,104
Agressão Psicológica Grave Sofrida	,285**	,271**	,298**	-,061	,090	-,071
Agressão Psicológica Menor Cometida	,301**	,261**	,361**	,147	,260	,207
Agressão Psicológica Menor Sofrida	,349**	,245**	,340**	-,059	,080	,007
IJC Interpersonal Jealousy Scale Total	,301**	,252**	,290**	-,159	-,016	-,181
ICRF1- Não contato com o parceiro	,307**	,320**	,307**	,271	,307	,255
ICRF2- Contato parceiro/rival	,329**	,266**	,335**	,164	,217	,181
ICRF3- Reações agressivas ao parceiro	,321**	,358**	,299**	,191	,316	,292
ICRF4- Reações agressivas ao rival	,252**	,312**	,261**	,192	,225	,247
ICRF5- Autoestima	,181*	,190*	,113	,201	-,016	,025
ICRF6- Investigação	,279**	,257**	,292**	-,090	,079	,043

* p<0,05; **p<0,01

Tabela 2. Correlações das dimensões de ciúme e violência conjugal com a saúde mental de homens e mulheres

Conforme a tabela, verificam-se associações entre quase todas as dimensões de ciúme e violência com a saúde mental feminina, indicando que maiores níveis de ciúme e violência se associam com maiores índices de ansiedade, depressão e estresse nas mulheres. Em contrapartida, na amostra masculina, somente houve correlação da violência física grave sofrida pelos homens com a ansiedade e da dimensão de violência física menor sofrida com o estresse.

Comparação dos dados sociodemográficos com a violência, ciúme e saúde mental

Foram testadas comparações entre grupos conforme algumas características sociodemográficas da amostra, considerando as dimensões da violência conjugal, o ciúme e os indicadores de adoecimento mental. Na comparação das variáveis, considerando a situação conjugal, foi observada diferença significativa apenas em uma dimensão da violência conjugal, a coerção sexual menor do companheiro ($U=2383,000$; $p=0,027$), em um fator de ciúme ICRF3 que avalia as reações agressivas direcionadas ao parceiro ($U=2691,000$; $p=0,023$) e em todos os fatores de saúde mental, ansiedade ($U=2026,000$; $p<0,001$), depressão ($U=2174,000$; $p<0,001$) e estresse ($U=2299,000$; $p=0,002$). Foram observadas maiores médias em todos os fatores para os casais que moram juntos em comparação aos casados oficialmente: coerção sexual menor do companheiro ($m=102,04$ e $m=86,42$, respectivamente); ICRF3 ($m=109,08$ e $m=89,36$); ansiedade ($m=118,98$ e $m=82,62$); depressão ($m=114,63$ e $m=83,72$) e estresse ($m=112,60$ e $m=85,40$).

Comparando os grupos que possuem e não possuem filhos, foi constatada diferença significativa somente nos fatores de saúde mental: ansiedade ($U=3270,000$; $p=0,007$); depressão ($U=3390,500$; $p=0,027$) e estresse ($U=3270,500$; $p=0,010$), com maiores médias para os sujeitos sem filhos em comparação aos com filhos: ansiedade ($m=104,62$ e $m=83,75$, respectivamente); depressão ($m=102,14$ e $m=84,92$); estresse ($m=104,62$ e $m=84,15$). No que diz respeito à escolaridade dos sujeitos, nesta amostra, houve diferença significativa em sete dimensões da violência conjugal e dois fatores da saúde mental, não havendo diferença significativa nos fatores de ciúme. A Tabela 3 apresenta as diferenças encontradas.

Considerando se exerce ou não atividade remunerada, foram observadas diferenças significativas em três fatores do ciúme: IJC total ($U=1800,500$; $p=0,003$); ICRF2 ($U=1983,500$; $p=0,015$) e ICRF3 ($U=2074,000$; $p=0,019$). Nos três fatores, foi observado que aqueles que não exercem atividade remunerada apresentam médias significativamente maiores - IJC total ($m=112,34$); ICRF2 ($m=112,14$); ICRF3 ($m=112,89$) - do que aqueles que exercem atividade remunerada - IJC

total (m=84,18); ICRF2 (m=88,31); ICRF3 (m= 90,14). Não houve diferença significativa entre exercer atividade remunerada e os fatores da violência conjugal e da saúde mental.

Dimensão	Escolaridade	Médias	H	P
Violência Física Grave Cometida	Ensino Médio	101,82	9,154	p=0,010
	Ensino Superior	83,52		
	Pós-Graduação	84,62		
Violência Física Grave Sofrida	Ensino Médio	97,54	7,333	p=0,026
	Ensino Superior	84,31		
	Pós-Graduação	80,58		
Violência Física Menor Cometida	Ensino Médio	113,86	11,118	p=0,004
	Ensino Superior	86,36		
	Pós-Graduação	85,75		
Violência Física Menor Sofrida	Ensino Médio	105,16	11,591	p=0,003
	Ensino Superior	84,21		
	Pós-Graduação	78,40		
Lesão Corporal Menor Cometida	Ensino Médio	108,45	11,870	p=0,003
	Ensino Superior	93,04		
	Pós-Graduação	88,63		
Lesão Corporal Menor Sofrida	Ensino Médio	111,02	12,281	p=0,002
	Ensino Superior	90,19		
	Pós-Graduação	93,31		
Agressão Psicológica Menor Cometida	Ensino Médio	98,59	6,015	p=0,049
	Ensino Superior	87,29		
	Pós-Graduação	74,64		
Ansiedade	Ensino Médio	125,20	13,572	p=0,001
	Ensino Superior	86,93		
	Pós-Graduação	86,57		
Estresse	Ensino Médio	119,00	9,087	p=0,011
	Ensino Superior	85,44		
	Pós-Graduação	89,65		

Tabela 3. Comparação entre dimensões da violência conjugal, ciúme, saúde mental e escolaridade

Ao ser analisada a renda dos sujeitos só foi constatada diferença significativa em um fator da violência conjugal, que se refere à violência física menor do sujeito (H=9,703; p=0,046), com médias maiores para os indivíduos que ganham até 1 salário-mínimo (m=93,02), seguido daqueles que têm como renda 2 a 3

salários mínimos ($m= 84,15$); 3 a 5 salários mínimos ($m= 83,28$); 5 a 10 salários mínimos ($m= 70,85$) e mais de 10 salários mínimos ($m= 62,44$). Não foi constatada diferença significativa entre a renda dos sujeitos no que diz respeito ao ciúme ou à saúde mental. A variável religião e “já fez/não fez psicoterapia” não apresentou diferença significativa nos índices de violência conjugal, ciúme e saúde mental.

DISCUSSÃO

A partir dos resultados apresentados, percebe-se os elevados índices de violência psicológica sofrida e cometida por homens e mulheres, sendo essa principal manifestação de violência identificada no estudo. A violência psicológica é uma das dimensões que se apresenta em nível elevado nos relacionamentos conjugais, porém, pelo fato de ser sutil e não ser materializada, muitas vezes é naturalizada e não reconhecida como violência nas relações por parceiros íntimos (Colossi e Falcke, 2013).

Quando ocorre comparação entre os sexos, percebe-se diferenças significativas entre homens e mulheres no índice de coerção sexual menor. Os homens apresentaram níveis mais elevados de coerção sexual menor cometida, indicando significativamente maior insistência de fazer sexo sem utilização de força física ou obrigar a parceira a ter relações sem preservativo. Os índices dessa violência encontrados nesse estudo são superiores aos encontrados em outras pesquisas que abordam a violência conjugal, que também já evidenciam maior índice de coerção sexual praticada pelos homens (Colossi, Marasca et al., 2015; Madalena et al., 2015), alertando para a necessidade de atenção a esse fenômeno, possivelmente reflexo de uma cultura patriarcal ainda arraigada em nosso contexto.

A violência física grave cometida apresentou divergência em relação ao que as pesquisas sobre violência conjugal apontam, pois, na presente investigação, as mulheres indicaram cometer significativamente mais do que os homens. O fenômeno da violência conjugal, em uma perspectiva sistêmica, pode apresentar-se de forma bidirecional e ser cometida tanto por homens quanto por mulheres (Rosa e Falcke, 2014; Falcke et al., 2017), porém na amostra investigada as mulheres indicaram cometer significativamente mais violência física grave do que os homens, revelando a necessidade de atentar para a vitimização masculina, especialmente pelo fato de a violência contra o homem não ser tão abordada nos estudos sobre os relacionamentos íntimos (Alvim e Souza, 2005). Destaca-se também que esse dado se refere a percepção delas sobre a violência cometida, sendo necessário atentar para a diferença de poder ofensivo da vio-

lência física cometida por homens e mulheres, considerando que envolve o uso da força (Gomes et al., 2011).

Os resultados do presente estudo evidenciaram também maiores índices de ciúme total e de fatores de ciúme nas mulheres em comparação aos índices apresentados pelos homens. O ciúme, quando toma proporções grandes e se torna patológico, pode causar consequências significativas ao indivíduo refletindo em danos a sua saúde mental e até mesmo ocasionando danos ao seu companheiro (a), tendo em vista que comportamentos agressivos estão associados a ocorrência de ciúme, contra o outro ou a si mesmo, pois o comportamento ciumento pode ser disparador da violência cometida pelo parceiro (Adeodato et al., 2005; Almeida et al., 2008; Marques e Coleta, 2010; Swan et al., 2012).

Na correlação das variáveis do ciúme e violência conjugal, foi observado que as mulheres apresentaram correlação positiva em quase todos os fatores de ciúme e violência conjugal, assim como com as dimensões de saúde mental, ansiedade, depressão e estresse. A correlação existente entre essas variáveis foi fraca em todas as dimensões, mas o fato de ter ocorrido em quase todas as variáveis mostra como a ansiedade, depressão e estresse podem estar relacionados ao ciúme e violência conjugal (Albuquerque et al., 2013; Almeida et al., 2008; Carneiro et al., 2017; Do Vale e Pimentel, 2017). Esses altos índices corroboram com o que a literatura aponta a respeito dos efeitos do ciúme e da violência conjugal na saúde mental (Almeida et al., 2008; Carneiro et al., 2017; Rolim e Falcke, 2017). Não foram encontrados estudos que expliquem as diferenças dos efeitos do ciúme e da violência conjugal entre homens e mulheres. Sabe-se, no entanto, que existem mais estudos que abordam o efeito da violência conjugal na saúde mental das mulheres (Holanda et al., 2017), sendo que no que diz respeito à relação da violência conjugal na saúde mental do homem, os estudos são mais escassos.

Os altos índices de ciúme apresentados pelas mulheres nesta amostra podem ser relacionados aos índices de violência física grave cometida pelas mulheres, visto que os estudos já abordam o ciúme como preditor da violência, mas o abordam mais na perspectiva da violência cometida pelos homens (Machado e Matos, 2014). Estudo prévio já indicou que o ciúme pode estar associado à violência cometida pelas mulheres (Swan et al., 2012), destacando a necessidade de atenção aos relacionamentos nos quais o ciúme se faz presente, como forma de prevenção à ocorrência de violência. Além disso, é necessário considerar que a violência no casal tende a ser percebida como menos grave quando associada ao ciúme, pois o ciúme gera uma maior aceitação social da violência. Essa é uma situação perigosa, que favorece a legitimação da violência nos relaci-

onamentos íntimos, sendo preciso combater esse tipo de crença socialmente (Costa et al., 2016).

Na comparação dos dados sociodemográficos com a violência conjugal, ciúme e saúde mental, considerando a situação conjugal (casais casados civilmente x uniões estáveis), foram observadas diferenças significativas em um fator da violência: coerção sexual sofrida, em um fator de ciúme ICRF3, que diz respeito às reações agressivas direcionadas ao parceiro, e em todos os fatores de saúde mental: ansiedade, depressão e estresse, com piores índices para casais em uniões estáveis. Estudos já abordam essa diferença significativa entre os níveis de violência conjugal presente nas uniões estáveis, em comparação com os níveis apresentados pelos casais casados civilmente (Colossi, Razera et al., 2015; Holanda et al., 2017). Este resultado pode estar associado à importância atribuída ao ritual do casamento e a oficialização dos relacionamentos conjugais como fator protetivo da violência nos relacionamentos íntimos, visto que o casal atribui um significado emocional à essa legalização.

A existência ou não de filhos não se mostrou associada à ocorrência de ciúme e violência nos relacionamentos. Todavia, os resultados mostraram que os casais sem filhos apresentaram significativamente níveis maiores de depressão, ansiedade e estresse. Esse dado pode estar relacionado a uma série de fatores, dentre eles o maior envolvimento com outras áreas da vida, como trabalho, por exemplo (Rios, 2007) ou frustração com a expectativa pela parentalidade (Umberson et al., 2010). A escolaridade, no entanto, foi o fator que mostrou mais diferenças significativas. Os dados mostram que quanto menos escolaridade, mais violência era cometida e sofrida nos relacionamentos conjugais. Como a literatura já aborda, esses dados podem ser explicados pelo fato de que o nível de argumentação se amplia com o aumento da escolaridade, ou seja, pessoas que estudam mais têm maior poder de argumentação, o que faz com que, nas discussões, essas pessoas utilizem mais da argumentação verbal do que da violência para resolução de conflitos (Colossi, Razera et al., 2015; Holanda et al., 2017). Dois fatores de saúde mental, a ansiedade e o estresse, também apresentaram diferenças significativas na comparação da escolaridade, estando mais presentes em pessoas com menores níveis de escolaridade.

No fator exercer ou não atividade remunerada, as diferenças significativas apresentadas foram em três fatores do ciúme, no qual as pessoas que não exercem atividade remunerada apresentaram maiores níveis de ciúme em comparação aquelas que exercem. Considerando a centralidade do trabalho na vida das pessoas, pessoas sem exercer atividade remunerada podem se sentir em desvantagem em relação a possíveis pessoas que ameacem a relação conjugal, mostrando-se mais ciumentas em decorrência de sentimentos de inferioridade

(Buss, 2000). Neste sentido, indivíduos com menores rendas reportaram praticar mais violência física menor nos relacionamentos íntimos. As maiores médias de violência nesse fator foram obtidas por indivíduos com renda pessoal de até um salário-mínimo. A baixa renda já vem sendo associada como fator preditivo da violência conjugal em estudos prévios, sendo que famílias em situação de maior vulnerabilidade social podem ter mais ocorrência de violência conjugal, pois essas famílias geralmente encontram-se expostas a mais fatores estressores (Colossi, Razera et al., 2015; Holanda et al., 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado pode-se observar que os índices de violência conjugal verificados nesta pesquisa foram elevados, especialmente considerando-se que a amostra não foi derivada de contextos clínicos. Além disso, constatou-se que as correlações entre as variáveis de ciúme, violência conjugal e saúde mental foram significativas, especialmente na amostra feminina, e muitas variáveis sociodemográficas apresentaram diferenças significativas ao serem comparadas com fatores de ciúme, violência conjugal e saúde mental, demandando atenção às mesmas como possíveis fatores de risco para a ocorrência desses fenômenos.

Assim, foi possível observar que a partir da descrição da prevalência do ciúme, da violência conjugal e dos fatores de saúde mental (ansiedade, depressão e estresse) e sua relação com os fatores sociodemográficos, é relevante refletir em como os contextos de violência conjugal podem estar relacionados a fatores tanto individuais quanto sociais. A baixa escolaridade, menor renda e situação conjugal de união estável foram fatores que, conforme os dados do presente estudo, demandam ser observados para a compreensão da violência nos relacionamentos íntimos, tendo em vista que a diminuição de estressores sociais, psicoeducação sobre a violência e formas de resolução de conflitos podem propiciar melhora nesse cenário. Além disso, é relevante rever as crenças relacionadas ao ciúme como forma de prevenção ou intervenção à violência, visto que o fenômeno da violência conjugal pode se apresentar de maneira complexa e com muitas peculiaridades. Intervenções pautadas no entendimento do sujeito de forma holística, portanto, se fazem necessárias para que a violência nos relacionamentos conjugais seja tratada de maneira mais abrangente.

Este estudo não tem a pretensão de generalizar os dados, mas pode trazer um novo olhar a respeito desse tema tão complexo e direcionar que novas pesquisas sejam feitas para melhor entendimento do tema, visto que aponta alguns fatores de risco que geram a violência conjugal e danos à saúde mental que podem ser trabalhados para melhora da qualidade de vida dos indivíduos. En-

tende-se que, principalmente através do uso da psicoeducação e intervenções psicoterapêuticas, que possam abranger a maior diversidade de pessoas possível, é possível minimizar os danos da violência na conjugalidade, compreendendo as características sociodemográficas que possam estar relacionadas à violência, assim como empenhar um olhar mais relacional de como esses fatores circulam sistemicamente, para que seja possível a descontinuidade desses padrões desadaptativos. Futuros estudos com foco na análise da recursividade das variáveis, assim como pesquisa com díades conjugais, podem contribuir para ampliar a compreensão do fenômeno.

REFERÊNCIAS

- Adeodato, Vanessa Gurgel; Carvalho, Racquel dos Reis; Siqueira, Verônica Riquet & Souza, Fábio Gomes de Matos (2005). Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. *Revista Saúde Pública*, 39(1), 108-113.
<https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000100014>
- Albuquerque, Fernando Pessoa de; Barros, Claudia Renata dos Santos & Schracher, Lilia Blima (2013). Violência e sofrimento mental em homens na atenção primária à saúde. *Revista saúde pública*, 47(3), 531-539.
<https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2013047004324>
- Almeida, Thiago de; Rodrigues, Kátia Regina Beal & Silva, Ailton Amélio da (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia*, 13(1), 83-90. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000100010>
- Alvim, Simone Ferreira & Souza, Lídio (2005). Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7(2), 171-206.
<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1041/759>
- Baroncelli, Lauane (2011). Amor e ciúme na contemporaneidade: reflexões psicossociológicas. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 163-170.
<https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100018>
- Brançaglioni, Bianca de Cássia Alvarez & Fonseca, Rosa Maria Godoy Serpa da (2016). Violência do parceiro íntimo da adolescência: uma análise de gênero e geração. *Revista brasileira de enfermagem*, 69(5), 946-955.
<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0408>
- Bueno, José Maurício Haas; Carvalho, Lucas de Francisco; Moreira, Ana Júlia Fernandes; Capelo, Ana Margarida Almeida Brandão; Fernandes, Ângela Marisa Cardoso; Vasconcelos, Margarida F. Gomes; Costa, Tiago André Martins & Marques, Vânia Sofia Leite (2012). Adaptação do inventário de ciúme romântico (ICR) para população portuguesa. *Psico-USF*, 17(3), 397-406.
<https://doi.org/10.1590/S1413-82712012000300006>
- Buss, David M. (2000). *A paixão perigosa: Por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo*. Objetiva.
- Carneiro, Jordana Brock; Gomes, Nadirlene Pereira; Estrela, Fernanda Matheus; Santana, Jéssica Damasceno de; Mota, Rosana Santos & Erdmann, Alacoque Lorenzin

- (2017). Violência conjugal: repercussões para mulheres e filhas (os). *Escola Anna Nery*, 21(4), 1-7. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2016-0346>
- Colossi, Patrícia Manozzo & Falcke, Denise (2013). Gritos de silêncio: a violência psicológica no casal. *Psico, Porto Alegre, PUC RS*, 44(3), 310-318. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11032/10404>
- Colossi, Patrícia Manozzo; Marasca, Aline Riboli & Falcke, Denise (2015). De geração em geração: a violência conjugal e as experiências na família de origem. *Psico*, 46(4), 493-502. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.4.20979>
- Colossi, Patrícia Manozzo; Razera, Josiane; Haack, Rafaela & Falcke, Denise (2015). Violência conjugal: prevalência e fatores associados. *Contextos clínicos*, 8 (1), 55-61. <https://doi.org/10.4013/ctc.2015.81.06>
- Costa, Andrea Lorena da; Pereira, Ana Paula; Sanches, Cíntia; Vendrame, Talita; Sophia, Eglacy C. & Zilberman, Mônica L. (2013). Tradução para o português de escalas para avaliação do ciúme. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 40(2), 83-84. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832013000200008>
- Costa, Nazaré; Gomes, Holga; Almeida, Thaís; Pinheiro, Renata Silva; Almeida, Calíope; Gondim, Ludmilla; Silva, Mayra; Campos, Rayane Sobral; Silva, Stephanie Matos & Lima, Valentina (2016). Violence against women: Can "jealousy" mitigate the significance of violence? *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(3), 525-533. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000300015>
- Deeke, Leila Platt; Boing, Antonio Fernando; Oliveira, Walter Ferreira de & Coelho, Elza Berger Salema (2009). A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. *Saúde e Sociedade*, 18(2), 248-258. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000200008>
- Do Vale, Kamilly Souza & Pimentel, Adelma (2017). Intervenções psicossociais aplicada a situações de conflito conjugal. *Revista da abordagem gestáltica*, 23(2), 200-210. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000200008&lng=pt&tlng=pt
- Falcke, Denise; Boeckel, Mariana Gonçalves & Wagner, Adriana (2017). Violência conjugal: Mapeamento do fenômeno no Rio Grande do Sul. *Psico Porto Alegre*, 48(2), 120-129. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2017.2.25148>
- Falcke, Denise; Oliveira, Denise; Rosa, Larissa Wolff & Bentancur, Maria (2009). Violência conjugal: um fenômeno interacional. *Contextos clínicos*, 2(2), 81-90. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200002&lng=pt&tlng=pt
- Gomes, Anu Manchikanti; Speizer, Ilene S & Moracco, Kathryn E. (2011). Linkages between gender equity and intimate partner violence among urban brazilian youth. *Journal of Adolescent Health*, 49, 393- 399. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2011.01.016>
- Gomes, Nadirlene Pereira; Garcia, Talita Castro Santos; Conceição, Clarissa da Rocha; Sampaio, Paula de Oliveira; Almeida, Vanessa de Carvalho & Paixão, Gilvânia Patrícia do Nascimento (2012). Violência conjugal: elementos que favorecem o reconhecimento do agravo. *Saúde em debate*, 36(95), 514-522. <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/9LhJc4n8HhWd4HVtCmTVSvc/abstract/?lang=pt>

Haack, Karla Rafaela & Falcke, Denise (2020). Seria o ciúme mediador entre as experiências na família de origem e a violência física na conjugalidade? *Psico-USF*, 25(3), 425-437. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250303>

Hatzenberger, Roberta; Lima, Ana Paula Vicari Rojas; Lobo, Beatriz; Leite, Letícia & Kristensen, Christian Haag (2010). Transtorno de estresse pós traumático e prejuízos cognitivos em mulheres vítimas de violência pelo parceiro íntimo. *Ciências & Cognição*, 15(2), 94-110. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000200009&lng=pt&tlng=pt

Holanda, Eliane Rolim de; Holanda, Viviane Rolim de; Vasconcelos, Marilena Silva de; Souza, Valesca Patriota de & Galvão, Marli Teresinha Gimeniz (2017). Fatores associados à violência contra as mulheres na atenção primária de saúde. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 31(1), 1-9. <https://doi.org/10.5020/18061230.2018.6580>

Kyegombe, Nambusi; Stern, Erin & Buller, Ana Maria (2022). “We saw that jealousy can also bring violence”: A qualitative exploration of the intersections between jealousy, infidelity and intimate partner violence in Rwanda and Uganda. *Social Science & Medicine*, 292, 114593. 10.1016/j.socscimed.2021.114593

Lacerda, Larissa, & Costa, Nazaré (2013). Relação entre comportamentos emocionais ciumentos e violência contra a mulher. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 15(3), 21-36. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452013000300003&lng=pt&tlng=pt

Lovibond, Peter & Lovidond, Sydney (1995). The structure of negative emotional states: Comparison of the depression anxiety stress scales (DASS) with the Beck Depression and Anxiety Inventories. *Behaviour Research and Therapy*, 33(3), 335-343. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(94\)00075-u](https://doi.org/10.1016/0005-7967(94)00075-u)

Machado, Andréia & Matos, Marlene (2014). Homens vítimas na intimidade: análise metodológica dos estudos de prevalência. *Psicologia & sociedade*, 26(3), 726-736. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000300021>

Madalena, Marcela Bianca de Andrade; Falcke, Denise & Carvalho, Lucas Francisco de (2015). Violência conjugal e funcionamento patológicos da personalidade. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 62(2), 122-139. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000200010&lng=pt&tlng=pt.

Marques, Tânia Mendonça & Coleta, Marília Ferreira Dela (2010). Atribuição de causalidade e reações de mulheres que passaram por episódios de violência conjugal. *Temas em Psicologia*, 18(1), 205-218. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100017&lng=pt&tlng=pt

Mathes Eugene W. & Severa Nancy (1981). Jealousy, romantic love and liking: theoretical considerations and preliminary scale development. *Psychol Reports*, 49, 23-31. <https://doi.org/10.2466/pr0.1981.49.1.23>

Moraes, Cláudia Leite; Hasselmann, Maria Helena & Reichenheim, Michael E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18, 163-175. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2002000100017>

- Paim, Kelly; Madalena, Marcela & Falcke, Denise (2012). Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 8(1), 31-39. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20120005>
- Paixão, Gilvânia Patrícia do Nascimento; Gomes, Nadirlene Pereira; Diniz, Normélia Maria Freire; Couto, Telmara Menezes; Vianna, Lucila Amaral Carneiro & Santos, Sheila Milena Pessoa dos (2014). Situações que precipitam conflitos na relação conjugal: o discurso de mulheres. *Texto Contexto Enfermagem*, 23(4), 1041-1049. <https://doi.org/10.1590/0104-07072014003290013>
- Pichon, Marjorie; Treves-Kagan, Sarah; Stern, Erin; Kyegombe, Nambusi; Stöckl, Heidi & Buller, Ana Maria (2020). A mixed-methods systematic review: Infidelity, romantic jealousy and intimate partner violence against women. *International journal of environmental research and public health*, 17(16), 5682. 10.3390/ijerph17165682
- Razera, Josiane; Bedin, Lívia Maria; Oliveira, Eduarda Lima de; Mosmann, Clarisse Pereira & Falcke, Denise (2021). Experiences within the Family of Origin and Intimate Partner Violence: A Dyadic Model Analysis. *Paidéia*, 31, e3122. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3122>
- Razera, Josiane, & Falcke, Denise (2014). Relacionamento conjugal e violência: sair é mais difícil que ficar? *Aletheia*, 45, 156-167. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942014000200012&lng=pt&tlng=pt
- Rios, Maria Galvão (2007). *Casais sem filhos por opção: análise psicanalítica através de entrevistas e TAT*. (Unpublished doctoral dissertation). Universidade de São Paulo.
- Rodrigues, Vanda Palmarella; Machado, Juliana Costa; Santos, Washington da Silva; Santos, Maria de Fátima de Souza & Diniz, Normélia Maria Freire (2016). Gender Violence: Social Representations Of Relatives. *Texto Contexto Enferm*, 25(4), e2770015. <https://doi.org/10.1590/0104-07072016002770015>
- Rolim, Kamêni lung & Falcke, Denise (2017). Violência conjugal, políticas públicas e rede de atendimento: percepção de psicólogos (as). *Psicologia: ciência e profissão*, 37(4), 939-955. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003332016>
- Rosa, Larissa Wolff & Falcke, Denise (2014). Violência conjugal: compreendendo o fenômeno. *Revista da SPAGESP*, 15(1), 17-32. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702014000100003&lng=pt&tlng=pt
- Sampieri, Roberto Hernández; Collado, Carlos Fernández & Lucio, María Del Pilar de Baptista (2013). *Metodologia de pesquisa*. McGraw-Hill.
- Sequeira, Carlos; Carvalho, José Carlos; Sampaio, Francisco; Sá, Luís; Lluch-Canut, Teresa & Roldan-Merino, Juan (2014). Avaliação das propriedades psicométricas do questionário de saúde mental positiva em estudantes portugueses do ensino superior. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 11, 25-53. <http://hdl.handle.net/10400.14/19775>
- Straus, Murray A.; Hamby, Sherry L.; Buncy-McCoy, Sue & Sugarman, David B. (1996). The revised Conflict Tactics Scale (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17(3), 283-316. <https://doi.org/10.1177/019251396017003001>

Swan, Suzanne C.; Gambone, Laura J.; Horn, M. L. V.; Snow, David L. & Sullivan, Tami P. (2012). Different factor structures for women's aggression and victimization among women who used aggression against male partner. *Violence against women*, 18(9), 1045-1066. <https://doi.org/10.1177/1077801212461429>

Tissot, D. W. & Falcke, D. (2017). A conjugalidade nas diferentes etapas do ciclo vital familiar. *Quaderns de Psicologia*, 19(3), 265-276. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1399>

Umberson, Debra; Pudrovska, Tetyana & Reczek, Corinne (2010). Parenthood, childlessness, and well-being: A life course perspective. *Journal of Marriage and Family*, 72, 612-629. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00721.x>

Vignola, Rose Claudia Batistelli & Tucci, Adriana Marcassa (2014). Adaptation and validation of the depression, anxiety and stress scale (DASS) to Brazilian Portuguese. *Journal of affective disorders*, 155, 104-109. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2013.10.031>



DAYSE CHAVES LEMOS

Doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, psicóloga clínica e docente de psicologia na Universidade Ceuma-Campus Imperatriz.
dayschaves@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0838-6270>

DENISE FALCKE

Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
dfalcke@unisinis.br
<https://orcid.org/0000-0002-4653-1216>

EDUARDA LIMA DE OLIVEIRA

Doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, psicóloga clínica e atua como professora universitária na Uniritter.
dulimaoliv@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3612-8498>

FORMATO DE CITACIÓN

Chaves Lemos, Dayse; Falcke, Denise; Oliveira, Eduarda Lima de (2023). Ciúme, Violência Conjugal e Saúde Mental: Prevalência e Fatores Associados. *Quaderns de Psicologia*, 25(2), e1921. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1921>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 08-03-2022

1ª revisión: 27-06-2022

Aceptado: 03-10-2022

Publicado: 30-07-2023